

Adiante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Os valentes mineiros de Aljustrel suportam neste momento uma feroz ofensiva da repressão fascista e patronal. Nas salinas cosmáticas de Caxias, sem camas, dormindo sobre palha em cima de tábuas, sob a água que escorre do tecto e que em alguns pontos, no chão, chega a atingir um palmo de altura, foram encerrados pela PIDE, quase despidos, 150 mineiros grevistas. As suas famílias, bem como os seus companheiros que foram despedidos, sofrem rudes privações e necessitam da solidariedade material e do amparo moral de todos os trabalhadores portugueses e todos os anti-salazaristas.

Protesta contra as desumanas condições em que se encontram os grevistas presos e reclama a sua imediata libertação! Recolhei, por todo o lado, dinheiro, roupas, géneros, tabaco, tudo o que possa minorar a situação difícil dos heróicos grevistas de Aljustrel e suas famílias!

Ajudai os, pois, na sua luta que é de todos os portugueses!

OS VALENTES MINEIROS DE ALJUSTREL EM GREVE!

Mais de 33 horas no fundo da mina sem água e sem comida!

Ocupação do Sindicato pela população mais de 25 horas!

A P.I.D.E., A G.N.R. E A P.S.P. desencadeiam uma repressão brutal!

Por todos os meios ao seu alcance, há longos anos que os mineiros de Aljustrel sustentam uma luta persistente por aumento de salários. As suas reclamações junto da gerência e do Sindicato, do I. N. T. e da Assembleia Nacional, através de exposições, concentrações, etc. têm respondido patrões e autoridades com ameaças, despedimentos e grandes aparatos repressivos.

Como o «Avante!» noticiou no seu último número, os mineiros de Aljustrel, com o duplo fim de conseguirem aumento de salários e o regresso dos companheiros despedidos, fizeram várias concentrações no seu Sindicato, com centenas de trabalhadores. Numa dessas concentrações, que reuniu mais de 600 mineiros, foi aprovada por maioria a decisão de começar a fazer «cera».

Logo que a «cera» se começou a fazer sentir na produção, alguns mineiros foram chamados ao escritório e ameaçados de despedimento. Não obstante, a «cera» continuou e, então, as feras dos patrões decidem recorrer ao mesmo aparato repressivo de que já tinham lançado mão o ano passado.

No dia 8 de Abril, quando o primeiro turno de mineiros se dirigia para o trabalho encontrou os caminhos cheios de GNR, PSP e muitos pides. Ao chegarem à mina, verificam que 12 mineiros do poço de S. João estão despedidos; 3 deste turno e 9 do turno da tarde. O descontentamento é enorme e os mineiros só descem para o trabalho ante as ameaças das forças policiais

Greve no fundo da mina e ocupação do Sindicato

Entretanto, na vila espalha-se a notícia do despedimento dos 12 mineiros. A indignação toma toda a gente que danabafa, gritando: «Bandidos, canalhais!»

A notícia corre por todo o lado e chega também ao poço de Algarres, onde os mineiros resolvem parar o trabalho e permanecer na mina enquanto tal despedimento continuasse. A PIDE, que comandou toda a acção repressiva, impediu que fosse enviada água e comida para o fundo da mina (os mineiros trabalham a alta temperatura, quase nús, e a água é absolutamente indispensável). Apesar da PIDE ameaçar com todo o seu habitual cinismo de criminosos: «ou sobem, ou morrem à fome e à sede», apesar de tudo, cerca de 150 mineiros permanecem corajosamente no fundo do poço.

Temendo o alastramento da pa-

ralização do trabalho, a PIDE impede a descida do segundo turno do dia.

Na vila, os mineiros, acompanhados de suas mulheres e filhos e de muito povo, começam a dirigir-se para o Sindicato e ali permanecem desde as 16 horas do dia 8 de Abril até cerca das 17 do dia 9, num total de mais de 25 horas! Os mineiros, em Assembleia, com muita gente dentro e fora do Sindicato, exigem a presença do Pres. da Câmara, do delegado do INT, do presidente do Sindicato e dos patrões. Apresentam as suas reivindicações e resolvem ir para a greve na 2.ª feira seguinte, se elas não forem satisfeitas. Pouco depois surgiam o delegado do INT Bento Caldas, o presidente da Câmara, o bufo Amadeu que preside à Co-

missão Administrativa do Sindicato, pides e oficiais da GNR. Estes senhores não apareceram para ouvir os mineiros, mas para os intimidar com ameaças e deter com demagogia. Mas os mineiros e suas famílias não arredaram pé do Sindicato, ficaram lá durante toda a noite.

Na manhã seguinte, mais reforços da GNR e da PSP chegavam a Aljustrel, armados com capacetes e metralhadoras, de jeeps e a cavalo. O aparato repressivo é enorme — parece uma terra ocupada militarmente. Cercam o Sindicato e, de armas na mão, gritam: «Saíam! Saíam!». Ninguém se mexe. O capitão da GNR marca um prazo: têm de sair até às 17 horas. Chegam as 17 e ninguém se mexe. Espumando raiva e ódio, o capitão

manda apontar as armas para o Sindicato e grita: «Até às 17 e 15 têm de sair. Se não saírem, temos ordem para matar!» Então alguns mineiros, recedendo a loucura sangrenta da GNR, começaram a sair.

Do fundo da, mina de Algarres também os valentes 150 mineiros são forçados a subir em virtude da sede e da fome. Mal surgem à boca da mina, são imediatamente presos tal como estão, apenas com um calção vestido. Cerca de 130 seguem pouco depois para Caxias.

Enganados pela PIDE, os mineiros retomam o trabalho

Como continuasse de pé a decisão dos mineiros de irem para a (continua no 4.º pág.)

TAREFA INADIÁVEL DA HORA PRESENTE — A UNIDADE

Um documento da Comissão Política

A Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português elaborou um documento ao país no qual expõe as opiniões do Partido quanto à situação política nacional e o caminho a seguir para organizar, mobilizar e unir o povo português. Eis os passos fundamentais desse documento:

Depois de salientar os perigos da divisão das forças anti-salazaristas, o documento da Comissão Política alerta quanto às discriminações na unidade contra Salazar, dizendo que «na tarefa comum de derrubar o fascismo, todos se podem e devem entender».

Há um sentimento geral de que a unidade é necessária e inadiável mas há partidos, agrupamentos e individualidades anti-salazaristas que não correspondem na prática a este anseio geral, procurando antes pontos de discordância em vez de valorizar as razões de aproximação. É importante — diz o documento — transformar este sentimento geral em acções práticas e constituir, de facto, a unidade das forças anti-salazaristas.

Neste sentido podem e devem ser vencidos os obstáculos. A troca de impressões para se encontrar um caminho comum «é uma exigência da hora que passa».

Ninguém deve pretender a supremacia

O documento da Comissão Política, falando na necessidade dum «forte espírito de cooperação e

entendimento», afirma que o Partido Comunista não pretende comandar o movimento anti-salazarista «mas entende que outros também não devem possuir tal pretensão. A ideia de unidade exclui a de supremacia de qualquer das forças unidas».

O documento salienta depois que certos actos e ideias de alguns agrupamentos políticos da oposição podem significar pretensões à supremacia. A elaboração de um programa político de unidade sem ouvir os outros, as exigências de «carta branca» de certos círculos militares, a tentativa de suprimir a independência política do Partido Comunista «não são favoráveis ao estabelecimento da unidade».

A maior ou menor actividade e influência dos diversos agrupamentos da oposição não implicam que se tenha o direito «de impor uma orientação e uma orgânica a todo o movimento anti-salazarista».

São necessárias «concessões recíprocas» — diz o documento — e nesse sentido o Partido Comunista fará tudo o que estiver ao seu alcance para chegar a acordo com as outras forças anti-salazaristas.

Objectivos políticos imediatos e programa de governo

Salienta o documento que «a elaboração dum programa de governo» não pode nem dever ser a base de unificação política das forças da oposição.

Primeiro, porque a política a seguir depois do derrubamento do fascismo será ditada «pelas forças que tiverem um papel preponderante na mudança do regime».

É lícito que as forças anti-salazaristas uma vez unidas elaborem o seu programa de governo. Mas fazê-lo antes da unidade é dificultar a unidade.

Segundo, porque as discussões à volta de um longo programa de governo não seriam «um factor de aglutinação mas uma barreira a um posterior entendimento».

Terceiro, porque um longo programa de governo, podendo ter uma certa repercussão, «não constitui, nem pode constituir, no plano político, um factor determinante de interesse, de mobilização e de lutas».

Em seguida, o documento fala nos prejuízos que sempre tiveram no movimento anti-salazarista as tendências «para substituir a definição dos objectivos políticos imediatos pela elaboração de longos programas governativos». Isto foi assim quando da frente popular em 1936-38 e do MUNAF em 1944-49.

Sem dúvida — diz o documento — que interessa um acordo entre as forças da oposição, mas acerca dos objectivos políticos fundamentais da sua luta comum, acerca das medidas fundamentais a tomar por um governo de unidade que suceda ao governo fascista.

(continua no 2.º pág.)



TAREFA INADIÁVEL — A UNIDADE

(continuação da 1.ª pág.)

Obter eleições e garantir o seu resultado

Depois de afirmar que, apesar das diferenças de opinião acerca da futura acção governativa, existe uma aspiração comum a toda a oposição — por termo à ditadura fascista — o documento da Comissão Política aborda em seguida o problema das eleições.

Importa discutir o que se pretende eleger e quem realiza e garante as eleições. A substituição do regime será expressa numa nova Constituição. Por isso as eleições para uma Assembleia Constituinte é uma das designações fundamentais das forças democráticas portuguesas da qual decorre outra: a instauração dum Governo de Concorde Nacional que possa realizar tais eleições.

É possível modificar a situação através de eleições livres realizadas pelo governo fascista?

O documento da Comissão Política afirma que em 1949 e 1958 as grandes batalhas políticas então travadas podiam converter-se no ponto de partida para o derrubamento do fascismo.

Mas, depois da emenda da Constituição e da eliminação da eleição directa do Presidente da República, existirá ainda a possibilidade de eleger uma Assembleia Nacional com poderes constituintes ao abrigo da Constituição?

A natureza do Estado fascista e a sua política mostram que não é possível por sua vontade. Mas a força e combatividade do movimento pode obrigar o governo a fazer o que não quer.

Depois de salientar a importância das eleições para a Assembleia Nacional em 1961 e da necessidade duma rápida unidade, o documento advoga a apresentação de listas únicas, representativas da composição política do movimento anti-salazarista e alerta contra as ilusões legalistas e constitucionais.

Não serão meia dúzia de abaixo-assinados e algumas manifestações, concentrações e greves que serão o bastante para paralisar o aparelho do Estado e fazer recuar o governo. Só a luta de massas, à medida das forças repressivas, poderá colocar o governo de Salazar ante o dilema: «ou ceder pacificamente, ou ser derrotado pela força».

O importante papel dos militares

Depois de salientar a importância do papel a desempenhar pelos militares, o documento da Comissão Política passa em revista a experiência dos golpes militares ocorridos, para mostrar que a preparação de tais golpes «sem ilusões, leva muitos anti-fascistas a tudo esperarem da acção dos militares, provoca o enfraquecimento da luta política, da movimentação de massas e do esforço dos democratas para se organizarem». Tudo isto é nocivo à luta contra a ditadura, assim como o fracasso do golpe, pelo desânimo e desorientação que provoca.

A posição de combate ao putchismo não quer dizer que o Partido Comunista «não sinta apreço

pela coragem dos conspiradores militares e não de todo o valor à participação dos militares no movimento nacional contra o fascismo».

Depois de apontar o perigo das ilusões golpistas e da necessidade do recrutamento e organização dos elementos das forças armadas, o documento afirma que as formas e os termos da participação dos militares no movimento anti-fascista dependem «da força relativa dos vários sectores políticos e da evolução posterior da situação e das lutas populares e nacionais». No caso dos militares é indispensável organizar os militares anti-salazaristas, «criar, forjar e engrandecer uma organização estritamente secreta de militares democratas e anti-salazaristas».

O terrorismo é um perigo

O documento da Comissão Política demonstra como o fracasso de golpes militares leva ao desespero e a concepções terroristas.

As tendências para o terrorismo, depois do malogro de alguns golpes posteriores às «eleições de 1958, são estimuladas por agrupamentos de emigrados portugueses que, quando em Portugal, viram fracassar as suas tentativas de golpes militares».

O documento diz que «O Partido Comunista não pode deixar de desaporvar a orientação expressa nas declarações da Frente Democrática para a Libertação dos Pinos da Península Ibérica» que, (sem nada que a autorize) pretende ser «uma espécie de Mandato Supremo»...

O Partido Comunista desaporva também as declarações atribuídas ao Capitão Henriques Galvão, em nome do «Directório Revolucionário Ibérico de Libertação».

O documento aponta, em seguida, os perigos que tal orientação, expressa por grupos de emigrados, comporta para o movimento democrático nacional. «É certo que é mais fácil ser terrorista na teoria que na prática», mas se tais tendências se concretizassem na prática «delas resultaria apenas o aumento da repressão, o recuo de sectores democráticos e de camadas menos radicalizadas e a desarticulação de alguns pequenos agrupamentos anti-salazaristas».

Importância das lutas parciais de massas

Seguidamente, o documento mostra que não é possível por termo à ditadura fascista «por simples apelo dos dirigentes da oposição». Depois de afirmar que, sem uma longa preparação e educação política adquiridas através de lutas de massas, não se pode «levantar a nação para batalhas decisivas». O documento salienta a importância das lutas parciais de massas, das lutas económicas das classes trabalhadoras «que adquirem necessariamente expressão política». A recusa dos heróicos mineiros de Aljustrel é um vivo exemplo de unidade popular.

Porém, o desenvolvimento do movimento nacional anti-salazarista não pode assentar fundamenta-

mente nas lutas económicas, mas sim nas lutas directamente políticas.

Estas lutas adquiriram particular agudeza nos últimos 15 anos e todas são partes da grande batalha pela liberdade em que estão interessadas todas as forças anti-salazaristas.

«A batalha pela liberdade» abrange um conjunto de lutas políticas parciais por objectivos limitados e imediatos.

As comemorações do 50.º Aniversário da Proclamação da República, as lutas contra a repressão, pela amnistia, contra o envio de tropas expedicionárias e os preparativos de guerras coloniais e ainda as lutas contra a censura, por eleições honestas nos Sindicatos Nacionais, contra o processo a Aquilino Ribeiro e acções quando da próxima vinda a Portugal do presidente Kubišček, etc., são lutas onde «se amplia, solidifica e fortalece o movimento popular que conduzirá ao triunfo sobre a ditadura fascista».

A organização de unidade, problema capital

Tão essencial como a definição dos objectivos políticos comuns é o encontrarem-se formas estáveis de organização de unidade, diz o documento da Comissão Política.

Destle problema depende a «condução vitoriosa das lutas políticas parciais e o desenvolvimento em larga escala da luta geral contra o fascismo».

Mais à frente, afirma-se que as organizações e organismos de unidade já existentes não podem pretender traduzir as aspirações das principais forças políticas da oposição. «Aproximação, entendimentos e acordos entre eles serão importantes passos».

Mas «no aspecto da organização a situação que se encontra no campo anti-salazarista aproxima-se do caos».

A unidade orgânica das forças da oposição é indispensável, mas a dificuldade reside em constituí-la.

Depois de referir as formas unitárias já de há muito encontradas pela classe operária e os proletários rurais, o documento salienta, entretanto, que não são tais organismos de unidade «que resultam a necessidade de unificação das forças anti-salazaristas. Essa unificação tem de verificar-se, sob o ponto de vista orgânico, no decurso das

lutas políticas».

A experiência das lutas «electorais» e outras mostra que as lutas políticas parciais oferecem condições favoráveis para a criação de «vastas organizações de unidade».

«O problema consiste em dar estabilidade e sequência a esses organismos e organizações, em transformá-los no ponto de partida para a criação de organismos e organizações permanentes da unidade».

O documento aponta depois como objectivo orgânico a atingir, a criação de um organismo supremo de direcção nacional (onde estejam representados todos ou a maior parte dos partidos e correntes).

Mais adiante, volta a condenar as tentativas de subordinar a independência política das forças unidas aos organismos unitários, afirmando que a independência política das forças anti-salazaristas e a sua unidade à volta de acções comuns «não são contrárias como são favoráveis ao movimento da unidade».

Não se deve perder tempo

O documento da Comissão Política alerta para as graves consequências «das hesitações na consolidação e ampliação dos importantes passos dados para a unidade» durante a última campanha eleitoral.

A falta de unidade só favorece o governo fascista e permite-lhe consolidar, «embora temporariamente, o seu aparelho estatal».

A falta de unidade permitiu a Salazar colmatar as muitas das brechas abertas na sua estrutura repressiva, política e ideológica durante as «eleições» de 1958 e possibilitar-lhe a continuar reforçando as suas posições, reduzir num âmbito cada vez mais restrito as possibilidades de actuação legal das forças anti-salazaristas.

A finalizar, o documento diz que as condições objectivas, nacionais e internacionais, são favoráveis, mas que só por si não decidem dos acontecimentos políticos.

As forças anti-salazaristas devem realizar «um urgente esforço para unir e coordenar as suas actividades no terreno da luta política».

O Partido Comunista não regateará esforços «para a criação dum movimento único dos democratas e patriotas portugueses com o objectivo de afastar Salazar e a sua caninharia, de pôr termo à ditadura fascista e instalar em Portugal as liberdades fundamentais».

UM EPISÓDIO DA FUGA DE PENICHE

No momento em que a imprensa fascista desenvolve uma infame campanha de calúnias contra os comunistas, acusando-os de terroristas e de elementos destituídos de sentimentos humanos, não fica mal recordar um pequeno episódio da fuga de Peniche.

Como se sabe, os 10 camaradas fugidos da Fortaleza, para se evadirem, tiveram a necessidade de narcotizar o guarda prisional Serrado. Fiveram, contudo, a preocupação de fazer o menor dano físico a este carcereiro e de impedir que a narcotização lhe provocasse asfixia. O guarda foi cuidadosamente deitado e na boca foi-lhe introduzida uma peça metálica usada pelos médicos anestesistas para impedir a dobragem da língua e com ela a asfixia. Para preservar a vida do guarda e realizar estes preparativos, foram dispendidos preciosos minutos cuja perda poderia comprometer o bom êxito da fuga.

Os tais «desumanos» comunistas não hesitaram, porém, em pôr em risco a possibilidade da sua libertação para cuidarem destes aspectos humanos de conduta ante os seus carcereiros.

Como é natural, os polícias de «A Voz», que tanto têm falado da fuga de Peniche, silenciaram este significativo episódio.

“AVANTE!”
O AVANTE!
FINANCEIRAMENTE O AVANTE!
LEITOR, AUXÍLIA FINANCEIRAMENTE O AVANTE!
AMIGO E LEITOR, AUXÍLIA FINANCEIRAMENTE O AVANTE!

A VIDA E A LUTA DA CLASSE OPERÁRIA

Vitória dos operários da C.U.F.

Na CUF do Barreiro, os operários acabaram por obter uma satisfação para as suas reclamações de aumento de salários. Depois da entrega à gerência duma exposição, firmada por centenas de assinaturas, por uma comissão de operários da empresa, foi afixado um aviso que atribui um aumento geral de 8800 diários a todos os operários e empregados com remunerações inferiores a 2.400\$00, decrescendo depois até às de 2.500\$00. O aumento tem efeito retro-activo a partir da primeira semana de Abril.

Os operários da CUF viram assim premiados os seus esforços e têm manifestado a sua alegria por esta vitória.

Pequenas lutas e notícias

Numa obra do BARREIRO, propriedade duma Caixa de Previdência, 15 serventes reclamaram 30300 de salário contra os 26300 que recebiam. Como lhes recusassem, largaram todos o trabalho indo para outras obras onde passaram a ganhar os 30300.

Na Fábrica Hipólito, de TORRES VEDRAS, as condições de trabalho são difíceis. Há muitos castigos, suspensões, cortes nos salários por motivos mínimos, etc. Uma jovem operária foi despedida por se recusar a colaborar no orçário da fábrica. No mês de Abril alguns operários que se recusaram a fazer serões foram despedidos.

Em S. JOÃO DA MADEIRA, os operários duma secção da empresa União Industrial de Chaparias foram ao patrão declarar que não podiam viver com dois dias de trabalho. Este concordou e deu-lhes mais 1 dia de abono.

UMA RECLAMAÇÃO DO POVO DE CASCAIS

No concelho de Cascais, onde por vezes a carne tem fallado a SOCARSO, sociedade constituída há dois anos pela concentração de todos os talhos do concelho, tentou aumentar o preço da carne. Ao ter conhecimento disto, a população enviou à Câmara uma representação com mais de 1.000 assinaturas, conseguindo sustar a manobra da SOCARSO.

ERRATAS — No último n.º do «Avante!» saíram duas gralhas que rectificamos.

No artigo sobre a luta dos pescadores de Matosinhos dizia-se, na 3.ª pag., «não poderão obrigar os pescadores a ir para o mar para a pesca do bacalhau». Deve ler-se «pesca do carapau». Também na reprodução da carta do soldado da GNR José Jorge Alves, deve ler-se «soldado n.º 133 da 4.ª Companhia».

O «Avante!» passará a reservar esta secção aos problemas e às lutas de classe operária portuguesa. As lutas pelo aumento de salários, pelo melhoramento das condições de vida dos trabalhadores das fábricas e oficinas, as lutas sindicais e outras passarão a ter o relevo devido nas colunas do nosso jornal.

Importa igualmente trazer às colunas do «Avante!» o relato de como vivem os operários portugueses, como são explorados nas empresas e outros aspectos de interesse da vida e da luta da classe operária.

A redacção solicita a todos os camaradas e leitores operários do «Avante!» o envio regular de notícias e relatos sobre estes questões, os quais ficarão certamente mais o nosso jornal aos problemas vivos da classe operária portuguesa. Só assim esta secção poderá manter-se.

Lutas por eleições sindicais honestas

Em vários Sindicatos Nacionais realizaram-se este ano eleições para as respectivas direcções. Enfrentando as manobras e burlas do ministro das Corporações e de dirigentes sindicais vendidos ao patronato, os trabalhadores portugueses têm tentado colocar à frente dos seus organismos de classe trabalhadores honrados, capazes de defender efectivamente os interesses da sua classe.

Em vários sindicatos, os trabalhadores apresentaram listas suas em opposição às listas fascistas. Em alguns, as suas listas ficaram vitoriosas. Noutros, devido às manigâncias dos sabujos sindicais, o resultado não lhes foi favorável.

A luta por eleições honestas nos sindicatos requer da parte dos trabalhadores uma acção preparatória cuidada e um conhecimento exacto dos procedimentos legais para a apresentação e a votação das listas, pois é neste terreno que os salazaristas têm em geral ludibriado os trabalhadores. Por isso, muito antes das eleições, os trabalhadores devem informar-se mutuamente desses preceitos legais e não proporcionar, com a sua ignorância das complicadas normas impostas pelos salazaristas, a derrota das suas listas.

No Sindicato dos Metalúrgicos de Almada triunfou a lista operária. Igualmente no Sindicato dos conserveiros de Lagos, apesar das manobras dos fascistas, a lista dos trabalhadores ficou vitoriosa.

No Sindicato dos Metalúrgicos de Santarém, cuja sede é no Tramagal, foi apresentada uma lista com candidatos delegados pelos trabalhadores de Alcancena, Santarém, Tramagal, Torres Novas, Alfarede e Rossio de Abranches, lista esta subscrita por algumas centenas de operários. Esta lista não foi aceite, como o pretexto de que alguns subscritores não tinham um ano de sócios. A eleição realizou-se com a presença de 500 sócios, tendo durado 6 horas. Apesar dos protestos da assembleia, a lista fascista foi a que triunfou, devido às manigâncias dos dirigentes fascistas. Estes espalharam entre os operários do Tramagal que os operários das outras localidades queriam arrebatá-lhes a direcção do Sindicato e muitos deram assim, enganados, o seu apoio à lista da direcção.

Também em Viana do Castelo, nas eleições para a direcção do Sindicato dos empregados do comércio, uma comissão da classe elaborou e procurou apresentar uma lista oposta à da direcção. Esta recusou-se a aceitá-la sem que fosse previamente aceite pelo INT, o que é uma ilegalidade. Na assembleia compareceram cerca de 100 sócios; estes quiseram protestar em bloco contra esta ilegalidade. Os seus protestos não foram porém admitidos pelo presidente da assembleia geral e, assim, a lista da Direcção acabou por ser eleita por 8 votos (5 da mesa, 1 do filho do presidente e 2 de laçaios fascistas).

Em Delães, realizaram-se as eleições no Sindicato têxtil, onde foi apresentada uma lista da classe. Estava presente mais dum milhar de operários e operárias, pois o próprio sindicato pôs uma camioneta a transportar pessoal.

A assembleia começou, mas a direcção anterior, ao ver que perdia as eleições, disse não haver tempo para cortar todos os votos (milhares) e encerrou a assembleia, dizendo que ela se realizaria em data a determinar em cada empresa. Vários operários irritados tentaram apedrejar um dos elementos da direcção, pois a classe tinha apanhado uma mocha para ali estar.

Os trabalhadores devem tirar lições destas manobras dos rafeiros sindicais salazaristas, protegidos pelo ministro das Corporações, e prepararem-se para novas acções nos seus sindicatos.

GREVE VITORIOSA DOS ASSALARIADOS AGRÍCOLAS DE ALPIARÇA

No passado mês de Abril cerca de 600 assalariados agrícolas de Alpiarça reclamaram na Praça de Jornas 40800 contra os 35800 oferecidos pelos agrários. Como estes se recusassem a atender o seu justo pedido, todos aqueles trabalhadores fizeram greve durante 3 dias, acabando por triunfar e obter a jorna pedida.

E mais uma vitória alcançada pela firmeza e combatividade dos trabalhadores de Alpiarça.

Um acto honesto

A Direcção do Sindicato dos operários vidreiros da Marinha Grande, que teve algumas posições hesitantes quando da assinatura do último Contrato Colectivo, pediu a sua demissão como protesto contra as sofismasções do Contrato pelas entidades patronais e contra a intromissão indevida dos fiscais do INT nos trabalhos da Direcção.

A Vitoria e Santos Barosa despediram sem razão alguns operários, enquanto outras empresas se preparavam para aumentar a jornada de trabalho e assim imporem a semana de 5 dias. O fiscal do INT, que indevidamente assistia às reuniões, ia contar aos patrões e ao buro Cutileiro o que lá se passava.

Tudo isto acabou por levar a direcção ao pedido de demissão.

Apesar de nem sempre estes dirigentes sindicais terem apoio a classe nas suas reivindicações, os operários vidreiros da Marinha solidarizaram-se com a Direcção e apoiem o seu protesto, ao mesmo tempo que reclamam novas eleições no Sindicato. Esta atitude da classe vidreira mostra que quando as direcções sindicais, apesar de erros passados, entram num caminho honrado de defesa das reivindicações da classe que representam, encontram sempre o apoio e a compreensão dos trabalhadores.

Dádivas de Salazar ao operariado

A Reforma...

«No mês de Santos, quando trabalhava na descarga de um barco de petróleo, fui acidentado por uma tubagem o colidador Manuel Duarte, de 72 anos, morador no rio do Queilhas, 75-9» (D. Notícias, 9-2-60).

Sem comentários...

...E a segurança

A ponto mais que o monopólio de SOPONATA anda a centralizar em Cabo Verde e onde há morarem em Novembro 2 trabalhadores, acaba de fazer mais vítimas e desta vez foi um cabo de aço que ribombou e numa chibatada gigantesca, estragou 3 operários. Por sua vez a fábrica da AMORA, de tristo fama, elevou o seu recorde negro com mais um operário despedido e dois estragados numa nova ocasião.

Entretanto, imperurbáveis, os beneméritos da Companhia de Segurança no Trabalho continuam a distribuir os seus castigos e fustigas em que se acanham os operários mais cuído no trabalho...

DUAS ACÇÕES DE SIGNIFICADO POLÍTICO

Em AVEIRO, realizou-se uma romagem à campã do combativo jornalista republicano Homem Cristo com a participação de cerca de 500 pessoas, que ali guardaram um minuto de silêncio. A PIDE proibiu quaisquer discursos.

NO COUÇO, foram recolhidas cerca de 1.500 assinaturas para um abaixo-assinado reclamando a libertação do jovem José Casanova, que tem sido brutalmente espancado pela PIDE. Também mais de 1.000 democratas do Couço subscreveram o documento de Braga, reclamando a amnistia.

OS TRABALHADORES DE ANGOLA ACUSAM!

Por ocasião da realização da Conferência Africana da Organização Internacional do Trabalho, em Luanda, na qual o ex-ministro português do Ultramar Sarmiento Rodrigues procurou dar uma visão falsa da situação dos trabalhadores angolanos e da misérrima situação do colonialismo português, a Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colónias Portuguesas participou na Conferência um importante documento de que transcrevemos alguns pontos:

Nós, trabalhadores de Angola, estamos certos de que a delegação portuguesa, cuidadosamente escolhida pelo governo, se dedicará a ocultar as vergonhosas condições de trabalho a que estão submetidos todos os trabalhadores e a desviar a atenção da Conferência, organizando visitas demagógicas, passeatas, banquetes de homenagem, etc.

Lamentamos que os nossos legítimos representantes por nós escolhidos e mercedores de toda a nossa confiança não possam participar nessa conferência.

Entretanto, levamos ao vosso conhecimento os seguintes factos:

1.º— Existe em Angola uma clara discriminação de tarefas, trabalhos e salários entre um trabalhador negro e um trabalhador branco.

2.º— A população de Angola é de cerca de 4 milhões e meio de habitantes, dos quais: negros « não civilizados » — 4 milhões e 300 mil, ou seja 95%; negros « civilizados » 32 mil, ou seja 0,7%; brancos — 137 mil (3%); mestiços — 31 mil (0,60%).

a) — A população negra « não civilizada » constitui a grande massa dos trabalhadores. Esta população está submetida ao « Estatuto dos Indígenas » e não beneficia dos direitos dos cidadãos.

3.º— Em todo o território de Angola existem apenas dois sindicatos do governo com sede em Luanda e delegações nas capitais de distrito — o dos empregados do comércio e indústria e o dos ferroviários, metalúrgicos e chauffeurs.

4.º— Somente os trabalhadores brancos, mestiços ou negros « civilizados » têm direito à filiação nos sindicatos. (Há delegações distritais que não admitem a filiação dos trabalhadores negros « civilizados »).

5.º— Sobre cerca de 200 mil indivíduos dos « civilizados », o número de desempregados é de cerca

de 29 mil, sem qualquer subsídio de desemprego.

6.º— O angariamento dos trabalhadores é forçado; o angariamento voluntário é praticamente inexistente.

7.º— O dia de trabalho é pago aos trabalhadores negros « contratados » a \$30 em média. Em 1958 foram pagos 341 mil contos a 330 mil trabalhadores « contratados », isto por 25 dias de trabalho por mês. Nesse salário em dinheiro vemos juntar o custo da alimentação do trabalhador, o qual raramente excede 2550 a \$300 por dia. É sempre má quanto ao seu teor nutritivo. Do seu salário em dinheiro o trabalhador deve ainda retirar o imposto, o qual é de 245500 por ano, cerca de 2%, do seu salário anual. Não subsistem dúvidas algumas sobre a existência do trabalho forçado.

8.º— Existe também em Angola o trabalho forçado para as mulheres e crianças, sobretudo para a conservação das estradas do interior, sem direito a qualquer salário ou alimentação.

O documento denuncia em seguida a ausência de qualquer protecção ao trabalhador indígena na invulgar e na veulgar, o desajustado de remuneração dos trabalhadores negros em relação aos brancos, os controles forçados de trabalhadores negros para longe das suas regiões, a brutal exploração que sofrem nas grandes empresas colonialistas e os benefícios fabulosos obtidos pela classe patronal, a sufocação dos protestos dos trabalhadores pelo governo, a supressão total de todos os direitos, etc. e finaliza com as seguintes palavras:

« Senhores delegados: os trabalhadores de Angola consideram como uma urgente necessidade

a) — Desmascarar perante esta assembleia da O. I. T. a nefasta política de miséria do governo colonial português;

b) — Reclamar a vossa intervenção para a abolição definitiva do trabalho forçado, para a elevação dos salários dos trabalhadores africanos e para o respeito do princípio a trabalho igual salário igual;

c) — Reclamar a vossa intervenção para que sejam estabelecidas as liberdades civicas e sindicais. »

Os trabalhadores de Angola

OS CALUNIADORES RESPONDERÃO PELAS SUAS CALÚNIAS

Apesar do comunicado da Polícia Judiciária acerca da morte do capitão Almeida Santos, o qual é explicito acerca da não responsabilidade do Partido Comunista nesta questão, a imprensa salazarista, nomeadamente o jornal católico da União Nacional « A Voz », e o seu director, o policial Correia Marques, e o « Diário da Manhã », órgão da mesma U.N., renovam os seus ataques contra o Partido Comunista a quem acusam infamemente da prática de actos terroristas.

As abjectas infâmias da imprensa assodevada do fascismo — a que deve juntar-se as do escriba fascista Angelo César, no « Diário Popular », e dum deputado, que enfileiraram nesta odiosa campanha de calúnia contra o Partido Comunista não encontraram qualquer eco entre a população, nem mesmo entre muitos adeptos do regime para quem a verdade dos factos é evidente.

Tais calúnias têm por objectivo isolar o Partido Comunista, intimidar as pessoas timoratas e mal esclarecidas com o « papão » do terrorismo comunista e, finalmente, desviar as atenções do povo dos verdadeiros terroristas, dos verdadeiros fomentadores do terrorismo em Portugal — os governantes salazaristas e a PIDE.

O nosso povo tem já uma madura e dolorosa experiência de 34 anos de terrorismo fascista e conhece de há muito os comunistas como os mais abnegados lutadores da resistência popular contra o fascismo.

O nosso povo sabe que toda a orientação e actividade prática do Partido Comunista assentam na acção das vastas massas a qual é, fundamentalmente, oposta ao ter-

rorismo. Apesar de várias dezenas dos seus melhores militantes terem sido cruelmente assassinados nos antros da PIDE, o Partido Comunista tem pugnado pela pacificação da vida portuguesa, tem preconizado formas não violentas de solução do problema político nacional, tem mobilizado as amplas massas em formas legais de luta, tem procurado não responder por métodos terroristas ao terrorismo do governo.

Mesmo quando o Partido Comunista admite o recurso à violência e à insurreição armada, é ainda apoiado nas amplas massas, é ainda como último recurso para chamar à razão a minoria terrorista governante que persiste em responder com o terror aos profundos anseios populares de liberdade e democracia.

Os caluniadores do Partido Comunista e os torturadores de patriotas não conseguirão impedir a união de todas as forças que se opõem a Salazar nem o derrubamento do seu odiado regime. Apoiados hoje num poder que lhes garante a impunidade, terão de prestar contas amanhã, num dia que não vem longe, dos seus crimes e das suas miseráveis calúnias.

OUÇA A RÁDIO!

MOSCOW: Diariamente, em português, das 22 às 23, pelas ondas de 16, 19 e 25 metros.

PEQUIM: Diariamente, em português, das 24 às 24,30, em 19, 25 e 27 metros.

PRAGA: Diariamente, em português, das 19,30 às 19,55 em 19, 25 e 31 metros, e ondas médias, das 24,45 em 27 e 233 metros.

Campanha Internacional PELA AMNISTIA EM PORTUGAL

(Cada vez em maior número se arguem no mundo as vozes de todos os amigos dos presos políticos portugueses, pela amnistia em Portugal, contra a repressão e a violência salazaristas. Depois da I.ª Conferência Sul-Americana para a Amnistia em Portugal e Espanha, outras importantes acções foram realizadas, de algumas das quais damos a seguir notícia.)

O Comité Executivo da poderosa FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL tomou posição quanto à repressão que se desencadeia em vários países contra os militantes operários e partidários da paz. Diz, entre outras coisas, a « Resolução a favor dos militantes sindicais vítimas da repressão »:

« O Comité Executivo da F.S.M. levanta o seu protesto contra as numerosas violações aos direitos sindicais e às liberdades que prosseguem e se accentuam nos países capitalistas, concretamente em Espanha, Portugal, Argélia, União Sul-Africana, Grécia e em certos países da America Latina e do Médio Oriente. »

Também a CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO DO VIETNAM enviou ao Presidente da República Portuguesa uma carta, datada de 24-12-59, protestando contra a continuação do cárcere de Alvaro Cunhal, « eminente dirigente operário e comunista e grande patriota português ».

Ainda sobre Alvaro Cunhal, que como é sabido se evadiu do prisão em Janeiro último, com outros 9 camaradas, foi entregue em Dezembro na Embaixada Portuguesa em Paris, um abaixo-assinado de intelectuais franceses, reclamando a sua libertação. Assinavam a petição os Senhores e Senhoras: Marie Auye Courrière, Maurice Bouvier-Ajam (Director do Instituto de Direito Aplicado), Solange Bouvier-Ajam (advogada), Michel Blum, Marcel Cohen (Director de Estudos da Escola de Altos Estudos), Dr. Léon Cottencau, Prof. Marc Le Bot, Marie Chevalier, Jacques Gaucheron, Françoise Martorel, Jacques Rebersat, Jean Triomphe, Madeleine Villiers, V. Guichard, J. Vidal, A. Drubay, Pierre Gamarra e esposa, René Jonglé, Françoise Monet, Pierre Paraf e Marc Saint-Saens.

Ainda em Paris foi constituído um Comité de individualidades de destaque da vida francesa que se propõe agir contra a repressão e o terrorismo fascista em Portugal.

O último CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA IN- DONÉSIA aprovou uma resolução especial sobre a repressão em Portugal pelo desencadeamento duma campanha nacional pela amnistia em Portugal. Neste sentido, foram enviados da Indonésia numerosos telegramas e petições aos governantes portugueses.

A par destas acções, numerosos órgãos da imprensa estrangeira têm desmascarado o regime de terror existente em Portugal e reclamado a amnistia para os presos políticos portugueses. O nosso povo não pode deixar de ficar grato a estas inúmeras e valiosas demonstrações de solidariedade internacional.

| | | |
|--------------------------------|---------------|----------------|
| ABRIL de 1960 | Livro | 614.10 |
| | idem | 220.00 |
| Ódio aos traidores | Ricardo | 5.00 |
| O futuro a nós | Salazar Ver- | 10.00 |
| | melho | 5.00 |
| Os mineiros não querem Salazar | lula camar. | 120.00 |
| | das fugitivas | 10.00 |
| | Silva | 20.00 |
| Um casal co- | lulana | 40.00 |
| | munista | 20.00 |
| Culónova | 21.00 | Um democrata |
| | sincero | 1.000.00 |
| Vermelho | 50.00 | Unidade pela |
| Pão para todos | 75.00 | Amnistia |
| | 110.00 | 400.00 |
| Pela Paz (A) | 100.00 | |
| Idem (C) | 12.00 | Salazar |
| | 100.00 | 100.00 |
| Idem (N) | 440.50 | Vamos para |
| | 107.00 | a luta |
| | 12.00 | |
| Idem (P) | 240.00 | Velho amigo |
| | 18.00 | do Partido |
| | 18.00 | |
| Pela vitória | 10.50 | Viegas Ver- |
| | meira | 144.50 |
| Pescadores | 55.00 | idem |
| | 49.00 | |
| Por um Portugal Democrático | 76 | 15.00 |
| | 4 Amigos A | 40.00 |
| Presos políticos 21.00 | 3 de Janeiro | 1.500.00 |
| Préface (C) | 10.00 | 2 pela Vitória |
| | 75.50 | |
| Queremos um Portugal | TOTAL: | 27.516\$60 |

RECIFICAMOS: No suplemento ao « Av. N.º 287 deve ler-se « Intossifiquemos a nossa luta (C) » 1.050300. »

No « Av. N.º 288, nos rubricas do Fevereiro, deve ler-se: « Amigos são C. Eufémio 4300. »

Liberdade para Manuel Rodrigues da Silva e Manuel Guedes!



SAÚDE E LONGA VIDA, CAMARADA THOREZI!

Maurice Thorez, Secretário Geral do Partido Comunista Francês, passou no dia 26 de Abril último o seu 60.º aniversário.



O camarada Thorez, digno filho da heróica classe operária francesa, é hoje um símbolo da resistência do povo francês contra o poder pessoal e a ameaça do fascismo, personificados no governo do General De Gaulle. O seu aniversário foi saudado com calor pelos trabalhadores e o povo de França e por todos os Parti-

dos Comunistas e Operários e pelos seus numerosíssimos amigos espalhados pelo mundo inteiro.

O Comité Central do Partido Comunista Português, em carta assinada em seu nome pelo camarada Alvaro Cunhal, enviou a Maurice Thorez as suas calorosas felicitações.

Também o «Avante!» felicita vivamente este destacado dirigente do proletariado francês.

Saúde e longa vida, camarada Thorez!

OS ESTADOS UNIDOS SABOTAM

A CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL

A Conferência de Alto Nível que devia ter sido iniciada em Paris a 16 de Maio, na qual os povos depositaram tantas esperanças, não pode levar a cabo os seus trabalhos devido à atitude provocadora de Eisenhower e dos imperialistas americanos.

A intenção de sabotar a Conferência e de impedir que ela chegasse a resultados satisfatórios era já visível da parte dos defensores da «guerra fria» americanos e dos seus parceiros mais chegados — os militaristas de Bonn.

A záfama dos políticos do Pentágono e do provedor de guerra Adenauer para amarrar os outros participantes, ocidentais às suas posições de força, faziam prever que os americanos se preparavam para fazer fracassar a Conferência. O envio dum avião americano em missão de espionagem sobre o território da União Soviética poucos dias antes do início da Conferência, foi um acto inqualificável e provocatório que teve por objectivo atingir com um golpe de morte a reunião dos 4 Grandes.

Depois das conversações amigáveis de Camp David que trouxeram um sensível alívio da tensão internacional, a decisão de enviar o avião espião sobre a URSS e as declarações do secretário de Estado, Herier, nas quais se pretende proclamar o «banditismo» como regra de política internacional, são dum cinismo e desvergonha inauditas, bem próprios do imperialismo yanque e que o desmascara irremediavelmente perante os povos.

Aparece agora de maneira evidente quais são os objectivos das bases militares americanas à volta dos países socialistas e quais as responsabilidades dos políticos venais que puseram os seus países no serviço da política de guerra americana. Vê-se agora confessadamente qual o significado das propostas de «ser aberto» formuladas por Eisenhower e pelos diplomatas americanos: fazer espionagem descarada sobre os países socialistas, dar-lhe as forças de cidadãos, preparar abertamente uma nova guerra mundial e desferir um ataque nuclear de surpresa contra o campo socialista.

Esta odiosa política ficou patente aos olhos dos povos, depois da vigorosa denúncia dos maneios americanos pelo Presidente do Conselho de Ministros da URSS, Nikita Krutchev e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Gromiko.

A União Soviética é hoje um preparar a reforma escolar e aplicá-la, elevar a cultura profissional dos trabalhadores e apoiar os seus conhecimentos políticos são tarefas que passaram a um primeiro plano. Tudo isto permitirá, nos próximos 5 anos, «terminar a edificação dos alicerces do socialismo e assegurar a construção da sociedade socialista».

forte e poderoso país que vela entranhadamente pela paz mundial. O seu poderio militar ficou mais uma vez demonstrado com a destruição do aparelho espacial americano a mais de 20 quilómetros de altura, com um único foguetão enviado da terra.

O envio, em 15 de Maio, para o espaço extra-terrestre dum navio espacial de 4 toneladas e meia, apetrechado dum aparelhagem científica complexa e de alta precisão, é uma outra amostra do elevado nível atingido pela ciência e a técnica na União Soviética.

Passaram os tempos em que os imperialistas podiam insultar arrogante e impunemente os povos mais fracos. Hoje não se pode insultar em vão um poderoso e grande país socialista como a União Soviética, tal como o fez Eisenhower.

Os povos exigirão responsabilidades àqueles que provocaram o malogro da Conferência de Paris e mergulharam de novo o mundo na ansiedade e no temor dum nova guerra.

Farão bem em meditar nos avisos de Krutchev os dirigentes dos países onde existem bases americanas. Principalmente, é cada vez mais necessária a vigilância dos povos desses países contra as perigosas manobras dos belfeistas americanos. A luta contra a existência de bases americanas nos países aliadas dos Estados Unidos torna-se cada vez mais uma luta pela sobrevivência nacional e pela paz do mundo.

O povo português deve lutar igualmente contra o servilismo salazarista em relação aos Estados Unidos, contra a intenção de instalar em Portugal bases americanas e alemãs de foguetões e outros acios agressivos de Salazar contra os povos amantes da paz.

A visita de Eisenhower a Portugal é um indicativo de que os facistas portugueses se preparam para intensificar o servilismo político e militar aos Estados Unidos, o que é profundamente lesivo dos interesses e da independência de Portugal.

O nosso povo quer viver em paz, mas a paz não se espera, conquista-se. E necessário conquistá-la pela luta activa e organizada contra os fomentadores de guerra americanos e os seus lacaios salazaristas.

Protestemos contra a política de guerra americana e as manobras dos belfeistas americanos que levaram ao malogro da Conferência de Alto Nível! Reclamemos uma política efectiva e sinerica de desarmamento internacional que possibilite em breve a realização da Conferência agora sabotada pelos Estados Unidos! Não consentamos a instalação no nosso País de bases americanas ou alemãs, que poriem em gravíssimo risco a existência dos nossos filhos e da própria Nação.

O socialismo em marcha

A EDIFICAÇÃO SOCIALISTA NA HUNGRIA

Mesmo para um observador que só conheça os factos nas suas linhas gerais, é indubitável que a classe operária húngara, dirigida pelo seu partido revolucionário, conseguiu em 1948, aliada aos trabalhadores do campo, uma vitória decisiva sobre as forças da burguesia reacçãoária. Num clima de extraordinário entusiasmo começaram a construir-se os alicerces económicos da sociedade socialista.

Depois dos acontecimentos de 1956, que revelaram como a burguesia não havia sido ainda privada por completo da sua influência política na vida estatal, económica e cultural do país, o povo húngaro, sob a direcção esclarecida do Partido Socialista Operário Húngaro, lançou-se ardorosamente na recuperação do atraso provocado pela contra-revolução.

No seu recente Congresso, o Partido estudou atentamente em que aspectos e por que meios conseguiu reforçar os vínculos com as massas, e como, na base de um melhoramento dos métodos e do estilo de trabalho, poderá consolidar a confiança que o povo lhe dispensa.

A derrota da contra-revolução e a reconstrução da economia nacional são uma grande vitória política.

Agora o Partido coloca em primeiro plano as questões da construção económica e cultural, que têm uma importância decisiva.

O Congresso examinou as directrizes para dar solução às tarefas económicas e elaborou o II Plano quinquenal de fomento da economia.

Com a ajuda dos países socialistas irmãos, o povo húngaro restabeleceu, com relativa rapidez, o equilíbrio económico destruído pelos inimigos e cumpre com êxito o seu plano trienal (1958-1960) cuja realização está criando as premissas favoráveis para solucionar as importantes tarefas económico-sociais do programa para o futuro quinquénio.

O nível da produção industrial é muito superior ao de antes da contra-revolução. Desde 1956, o

aumento da produção industrial foi de 13 a 14% em cada ano. Em 1959 a indústria socialista produziu 3 vezes mais do que em 1949. De 1958 a 1965 a produção industrial crescerá 65 a 70%, e será nessa altura cerca de 10 vezes superior à de 1946. Tal a situação em que a ditadura fascista de Horthy tinha deixado a economia húngara e tal é o progresso realizado pela indústria em regime socialista.

Também a agricultura socialista tem realizado notáveis progressos desde 1949, embora menores que os verificados na indústria. A produção agrícola no seu conjunto aumentou 40%, de 1949 para 1959. Em 1965, segundo o plano, a produção agrícola será 60%, superior à de 1949. Para o incremento da produção agrícola na Hungria tem uma importância fundamental a organização da agricultura em bases socialistas. No campo húngaro regista-se hoje um rápido desenvolvimento do movimento cooperativista. Só em meio ano, a percentagem de terras colectivizadas passou de 15 a 36,3%. O sector socialista na agricultura — fazendas do Estado e cooperativas — possui já 50% da terra cultivável. Há regiões onde se terminou ou vai terminar-se a transformação socialista da agricultura.

O nível de vida da população tem aumentado sensivelmente nestes últimos anos. Em 1958, os salários reais dos operários e empregados aumentaram em 20% em comparação com 1955. Para 1965, os salários por habitante deverão ter um novo aumento de 26 a 29%, em relação a 1958.

É muito importante o facto de que uma série de camadas até hoje relativamente menos favorecidas, se elevará bastante acima do nível médio actual do conjunto da população.

Destinar-se-ão grandes somas à satisfação das necessidades sociais e culturais e à construção de habitações.

Educar as amplas massas populares, melhorar a instrução pública,